

Fernando Henrique está perdendo a classe média

Formadores de opinião estão insatisfeitos com perda do poder de compra e PSDB vai indo mal em quase todas as capitais

Luís Costa Pinto

• BRASÍLIA. Uma pesquisa de opinião pública, e não o massacre dos sem-terra em Eldorado de Carajás, foi o fato responsável pelas mudanças que o presidente Fernando Henrique Cardoso fez no seu Ministério há três semanas. Coordenada pela empresa MCI Consultoria, do sociólogo Antônio Lavareda, a pesquisa foi tabulada uma semana antes da tragédia dos sem-terra no Sul do Pará e mostra que a imagem do Governo anda mal entre os formadores de opinião — o topo da pirâmide social brasileira, com renda familiar igual ou superior a 20 salários-mínimos por mês.

A popularidade do Governo vem caindo nesse setor da sociedade e os motivos da queda, identificados no trabalho da MCI, são dois: a recessão que esmaga o poder de compra da classe média e tira empregos do operariado da Grande São Paulo e de outras capitais e a inépcia do Governo federal em promover ações concretas na área social.

— Uma queda sensível e continuada da aceitação do Governo entre os mais ricos reproduz-se rapidamente em má avaliação entre os mais pobres. É disso que temos medo e é por isso que o Governo precisa recuperar terreno na área popular. Foi por isso que o Governo mudou — revela um tucano sem mandato que ajudou a desvendar esses números.

Dentro de oito dias chegará ao Palácio do Planalto outro levantamento da MCI. Este, sim, trará os reflexos da chacina de Eldorado.

Números só foram mostrados a quatro amigos do presidente

Trechos desta avaliação do Governo foram apresentados na última reunião ministerial pelo porvoz do Palácio do Planalto, Sérgio Amaral. Instruído pelo presidente, Amaral não detalhou os números porque eles são ruins para o ego tucano.

No entanto, pelo menos dois ministros — José Serra, do Planejamento, e Sérgio Motta, das Comunicações — e dois deputados amigos do presidente leram aten-



FERNANDO HENRIQUE: mudanças no Ministério decididas com base na queda de popularidade registrada na pesquisa, e não na repercussão do massacre

tamente a pesquisa.

— Não li os números. Soube deles. Mostram que o Governo ainda tem tempo de agir. O presidente reagiu aos números que são ruins para ele e para nós todos, e não considero o barco à deriva. Mas, para reagir, precisamos mostrar que o Brasil está mudando, que a moeda está estável e que isso é só o começo do nosso programa — analisou o deputado federal Arthur Virgílio Neto, secretário-geral do PSDB e vice-lí-

der do Governo.

O levantamento tabulado pela MCI foi entregue ao secretário-geral da Presidência, Eduardo Jorge Caldas Pereira, acompanhado de outras pesquisas sobre eleições municipais nas principais capitais do país. O quadro é desastroso para o PSDB.

O partido deverá aumentar de 340 para cerca de 700 o número de prefeitos eleitos pela legenda, mas hoje a única capital onde os sociólogos tucanos têm certeza

de que elegem o prefeito é Belo Horizonte. Ali o candidato deverá ser o secretário de Governo Amílcar Martins, um espelho do governador Renato Azeredo e que aparece com 2% nas preferências, mas não tem rejeição. Deve construir uma história semelhante à de Azeredo na eleição estadual de 1994.

Em Salvador, onde a prefeita Lídice da Mata é tucana, o partido lança candidato mas não o elege. Em Fortaleza, a eleição é conside-

rada fácil para o peemedebista Juraci Magalhães. Os únicos candidatos do PSDB que teriam chances de levar o partido a uma vitória no estado governado por Tasso Jereissati seriam o ex-governador e ex-ministro Ciro Gomes ou sua mulher, Patrícia, que apareceu com 5% das intenções dos votos.

— Patrícia foi vetada pelo Ciro. Agora vai ser vereadora e tentar construir uma pista para vãos próprios. O Tasso não gostou dis-

so — garante um amigo comum que amenizou o tiroteio entre Tasso e Ciro.

A pesquisa mostra que no Rio de Janeiro o PSDB chega ao segundo turno com Sérgio Cabral Filho disputando com Miro Teixeira, mas que não faz prefeitos em nenhum outro município importante, nem nos da Baixada Fluminense nem em Niterói ou em São Gonçalo — o segundo colégio eleitoral do estado.

Partido só está bem em São Paulo. Com Serra, fica melhor

Em São Paulo, o quadro é outro. O partido deve dobrar o número atual de 51 prefeituras e, se o candidato tucano na capital for José Serra, baterá a petista Luíza Erundina no segundo turno. Erundina só venceria Sérgio Motta no segundo turno, revela o levantamento.

— Li e analisei a pesquisa. Erundina aparece com grande rejeição: mais de 40%. Candidato assim não vence eleição em dois turnos. Nós ou o candidato do Maluf temos todas as chances em São Paulo — diz o deputado Arnaldo Madeira (PSDB-SP).

Em outras capitais — Recife, Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, Manaus e Vitória —, o partido do presidente pretende lançar candidatos próprios, mas nenhum deles tem maiores chances de vencer. Por conta disso, o ministro Sérgio Motta anda espalhando em Brasília que o resultado das urnas de outubro não tem importância para o Governo. Bobagem. Não encontra respaldo nem em quem hoje manda na estrutura do PSDB.

— Talvez tenhamos decidido tarde demais reagir aos ataques que sofremos. Só agora estamos tentando acabar com esta idéia de partido de intelectuais e pouco pragmático, que governa mas não sabe ganhar eleição. Até aliados nossos no plano federal, como o PFL e o PPB, ajudaram a criar esse mito. O resultado deste sono mal dormido vai custar caro em outubro, mas acordamos a tempo para 1998 — considera o secretário-geral do PSDB, deputado Arthur Virgílio Neto. ■

Roberto Stuckert Filho